Rachel Sztajnberg[1]

O grande desafio do psicanalista de nossos dias consiste em utilizar o instrumento de investigação do aparato psíquico desenvolvido no começo do século XX, para ter acesso às subjetividades do século XXI. A composição do conhecimento que, outrora, levou em conta o recalque e as formações do inconsciente, focava um sujeito afeito a associações, dotado de uma capacidade simbólica forjada numa cultura ciosa de suas construções metafóricas e de um sofisticado arsenal elaborativo, esbarra agora em distintas e complexas vicissitudes. Não escutamos mais o mesmo sujeito, o que faz com que alguns de nossos recursos se tornem anacrônicos e fúteis.

Constituído num outro caldo cultural, imerso num sistema lingüístico com uma outra configuração, referido a um tempo essencialmente virtual e pertencente a um desenho de redes familiares e organizações sociais novas e peculiares, é esse o sujeito que hoje coloca a nós, psicanalistas, numa situação-limite. O que fazer para reabilitar nossas preciosas ferramentas a fim de fazer face a esse inusitado discurso ou mesmo à falta dele?

A despeito de tudo isso, a demanda continua existindo, ainda que o requisitante, na maior parte das vezes, não dê conta mais do que tornar visível uma intensidade transbordante, um excesso do qual ele não sabe falar. Seria inócuo e ingênuo de nossa parte nomear essa sua inaptidão como uma resistência, o que em outro momento apontaríamos sem pestanejar. Na verdade, esse sujeito resiste, sim, no melhor dos sentidos, heroicamente, à devastação da qual é vítima. Apesar de sua apresentação

1. Membro titular, supervisora e coordenadora de seminários - SPCRJ

notoriamente requintada, inspirada nos modelos à sua disposição que tomou por referência, essa imagem superficial apenas encobre a sua acentuada precariedade. Quando a figura se desmonta, o fundo escancara a verdade nua e crua. Esse ser, para além de sua máscara, habita um deserto interior, uma espécie de cidade-fantasma, muito bem edificada, farta em aparatos intelectualmente manejados com muita perícia por um técnico para lá de competente, mas desprovido de alma. Ele sabe muito, porém carece do essencial: sua implicação pessoal num código de sentidos, sem o qual todo esse complexo operacional não é vivido como se valesse a pena.

É esse deserto que o paciente nos convida a visitar junto com ele. Mais que o cenário de conflitos acirrados, regidos pelas moções pulsionais (que antes atormentavam, e dele cobravam uma produção de nexos, encaminhando para destinos criativos a exigência de trabalho psíquico), deparamo-nos com uma terra estéril que parece não ter sido adubada. Fez falta a presença de um outro, a ele devotado, cujas marcas tivessem promovido uma troca essencial à fundação da singularidade subjetiva. Ao contrário, parece que os encontros inaugurais e os que igualmente se sucederam não tiveram sucesso em despertar a potencialidade de autoinvenção que o ser humano porta em si.

Menos culpado – "as tábuas da Lei" caducaram nos diferentes segmentos do tecido social – e mais órfão do Pai regulador e protetor, o sujeito contemporâneo é supostamente mais livre... e mais perdido. Mais solitário do que nunca, isolado e alienado do que pulsa em seu interior, com o qual não se contata, esse ser carece do intérprete em si que media sua interlocução consigo mesmo. Os traumatismos precoces impediram-no de desenvolver os equipamentos para olhar dentro de si próprio e deixaram-no refém de uma referência externa da qual não consegue prescindir. Não aquela que, traço a traço, pela via da identificação, vai bordando uma identidade inédita. A urgência de tamponar um vazio abissal impele à absorção totalizante e mimética do que vem de fora. Constituise, por conseqüência, uma couraça protetora contra o horror da ameaça de desintegração, derivada da falta de consolidação da imago narcísica. São recursos defensivos esparsos, não integrados, imediatistas e sempre provisórios. Sua eficácia é de uma natureza efêmera, provocando inevitavelmente novas demandas, numa busca que consome uma carga energética monumental roubada aos outros possíveis investimentos necessários ao abastecimento subjetivo. O que resulta num verdadeiro "arraso" do ponto de vista da economia psíquica!

As múltiplas conseqüências desses arranjos incluem uma incontornável imersão num tempo estático, um aqui e agora imobilizante do sujeito, perenizado nessa busca interminável de amenização, custe o que custar, dessa agonia sem nome. Nesse contexto, o futuro não existe enquanto projeto, não há espaço para sonhar porque a esperança não teve oportunidade de se construir. As demandas e a premência de aplacá-las deram origem às compulsões frenéticas que distanciam o sujeito do acesso ao seu desejo. Ele se consola com os simulacros que lhe são oferecidos, revestidos em tão sedutoras embalagens que ele não resiste aos seus apelos. Nas produções contemporâneas espetaculares o imaginário leva a melhor, ainda que deixe como resto um quê de um logro, uma vaga intuição de que se comprou gato por lebre. É que fetiches confortadores não produzem o mesmo efeito de uma realização genuína engendrada pelo ser, produto de um desejo que ele reconheça como seu.

Felizmente, é esse resto, esse vestígio sutil de que falta alguma coisa essencial, que ainda abre uma brecha para a introspecção e movimenta um interesse, ainda que mínimo, de saber mais de si. Paira uma desconfiança sobre essa vida funcional, burocrática, disparando um alerta de que a engrenagem se movimenta em falso. O mal-estar se presentifica, mas ele deriva de uma fonte diversa da que o causava anteriormente. Mais que o duelo titânico das diferentes instâncias psíquicas, as quais, afinal, eram reconhecidas em sua legitimidade, o constrangimento brota de uma espécie de estofo interno protético ao qual falta genuinidade. Não foi construído, ou melhor, não nasceu da experiência espontânea que funda o criativo, onde o sujeito se reconhece como autor e toma posse daquilo que gerou. O que o "recheia" ele acoplou; e continuamente vai acumulando, sem metabolizar, os artefatos sugeridos como se fossem aquilo de que ele necessita. É assim que ele fica servil a necessidades, cada vez mais distante de seu desejo, que não tem espaço para se constituir.

É esse sujeito inflado, agindo ou reagindo muito, tentando desesperadamente driblar seus vazios, que vem nos fazer um apelo, freqüentemente como último recurso. Sua debilidade se manifesta em diferentes feições: às vezes com o corpo, colonizado em sua função utilitária e dissociada, falando pela alma; outras, aderido a compulsões de toda sorte, lançando mão de objetos transitórios (os transicionais ficaram inacessíveis) a serviço do gozo e do triunfo onipotente. Ele oscila entre a impossibilidade de fazer contato e o preenchimento de todos os espaços com um texto até irretocável, sem furos, mas totalmente despersonalizado.

E o mal-estar passa a ser nosso também. O que fazer por esse sujeito desterritorializado, deslocado do seu *ethos*, para que ele possa encontrar (porque, evidentemente, não se trata de reencontro) a morada do seu viver genuíno?

Viciado em acatar o que lhe é imposto, esse "homem sem gravidade" (Melmann) incorpora o enunciado dos regulamentos genéricos e a regra básica do trabalho analítico. Mas do que fala e a quem se endereça? Por onde passa o registro da transferência nesse contexto e que lugar nos cabe ocupar nessa interlocução?

O analista-tela proposto por Freud tinha sua razão de ser: facilitar as projeções catárticas e o esvaziamento de um excesso opressivo que interceptava o movimento da economia libidinal do paciente. O relaxamento das defesas e seus determinantes sintomáticos permitiam ao paciente deslizar para um "outro" lugar, menos desconfortável, no dito freudiano, o da infelicidade banal. Do seu lado, o analista também tinha que dar conta do mal-estar para o qual sua posição no *setting* inevitavelmente o remetia. Ele ficava relativamente protegido, todavia, pela assimetria recomendada e forjada na neutralidade e na abstinência.

Contudo, e se não for com essa ordem de excesso com que nos deparamos? Se forem a escassez, a pobreza subjetiva e o vazio que se aborda na cultura "líquida" (Bauman) contemporânea? Pode o analista ainda manter-se na mesma posição? O que faz diferença se o interlocutor demandado reproduz o padrão de indiferença e isolamento causadores de um adoecimento quase generalizado, se respeitadas as incontornáveis diferenças individuais? E se, como agravante, considerarmo-nos como sujeitos às mesmas marcas dessa espécie de melancolização psicossocial vigente? Como damos conta, em nós mesmos e naqueles com os quais nosso ofício nos implica, dos efeitos devastadores produzidos pela degradação implacável dos balizadores civilizatórios, arruinados pelas mudanças meteóricas que impediram um processo de reorganização do *socius* em outras bases? A demolição desses marcadores projetou os aglomerados humanos numa falência dos suportes éticos e morais normativos de uma convivência possível, ainda que, em maior ou menor grau, tanto antes quanto agora, coexistência sempre conturbada pelos irremediáveis conflitos que constituem o cerne mesmo de nossa subjetividade.

Muito provavelmente, o trabalho de investigação subjetiva requer hoje ainda mais de nós. Ou, pelo menos, requer outra coisa, diversa do que demandava em seus começos. Antes, tínhamos por missão colaborar para que se desvelassem os segredos recalcados responsáveis pelas solu-

ções de compromisso e causadores do sofrimento sintomático. Havia um enigma a ser decifrado e as formações do inconsciente forneciam generosamente as pistas através das fantasias, dos sonhos, dos atos falhos. O paciente nos autorizava a acessar a sua *privacy* junto com ele, os nós se afrouxavam e, quando possível, se desembaraçavam. Ele se libertava de uma parte, talvez considerável, de seus aprisionamentos para habilitar a re-dinamização da energia psíquica, dando a ela novos destinos.

A carência de segredos é o que mais chama a atenção no discurso contemporâneo. Faltam véus, o excesso de transparência expõe as razões para o mal-estar de não se sentir verdadeiramente existindo. O que faz a diferença é uma falta de algo que o sujeito sinta original e bem guardado dentro de si. Tudo se publica, e é o fato de estar sempre exposto, devassado, que determina a estranheza e o não reconhecimento de si. Trata-se de um sujeito "pronta-entrega", que desconhece a produção personalizada, sob medida. A euforia frenética ou seu oposto, a apatia e a indiferença e todos os seus derivados comportamentais são representantes desse desconforto reinante.

Analista-alfaiate, então, para tecer novas roupagens? Talvez, mesmo que na contramão do *establishment*, da cultura *prêt-a-porter.* Mas não foi essa sempre a condição ideológica de nossa função, trazer a peste? A posição do analista na atualidade, para ser eficiente, é diversa do lugar do morto, mas perpetua o revolucionário de uma maneira ainda mais paradoxal. Participar sem impor, co-inventar sem invadir. Se seu interlocutor é dominado por um eu aquiescente que inibe severamente sua espontaneidade, cabe ao analista indicar, com a afetividade veiculada em seu discurso e em sua corporeidade, a potencialidade criativa que o *setting* propicia para os dois envolvidos no processo.

Mais ativo em sua função, só assim, o psicanalista pode compartilhar da experiência de descolamento das imagens das quais o paciente ficou refém para sobreviver. Da desconstrução dos protótipos acoplados ao sujeito à guisa de uma camisa de força depende o entalhamento artesanal de um estilo próprio de ser, dotado de sentidos autênticos. Por eles o sujeito se responsabiliza com alívio e sem constrangimento. Ele sente que existe e, por conseqüência, a existência do outro em sua alteridade pode igualmente ser reconhecida. Como resultado dessa aquisição, ele se torna mais senhor de suas escolhas e de suas renúncias. O resgate da esperança, de ideais projetados num futuro promissor, fica condicionado a essa liberação. Em nosso ofício também.

Rachel Sztajnberg
Rua Maria Angélica, 323 apt. 101
Jardim Botânico – Rio de Janeiro
CEP: 22461-150
Tel.: 2286-7508
e-mail: rachelsztajn@yahoo.com